

## ÁGUAS DE SÃO PEDRO-MITO E REALIDADE

ADYR AP. BALASTRERI RODRIGUES<sup>1</sup>

BOLETIM DE GEOGRAFIA TEORÉTICA, 16-17(31-34): 246-250,1986-1987  
(1 ENCONTRÓ DE GEÓGRAFOS DA AMERICA LATINA)

### **INVESTINDO NUM GRANDE EMPREENDIMENTO.**

Concebida dos moldes das estâncias termais europeas, inspirada nas concepções urbanísticas das vilas-modelos, águas de São Pedro foi cuidadosamente projetada e implantada pela Empresa “Águas Sulfídricas e Termas de São Pedro” fundada em 1935.

A origem do núcleo se liga à descoberta da fonte de água sulfídrica, fonte juventude, junto da qual foi edificado em 1932 um tosco balneário de tabuas, coberto de sapé, com uma banheira improvisada, implantada por Ângelo Frazim, fazendeiro, proprietário dessas terras.

A empresa alugada adquire de Frazim quatro alqueires de terras onde se localiza a fonte e, através de várias transações, amplia a área para 650 alqueires, até 1940, sendo somente 120 alqueires utilizados no projeto original da estância.

Seus estatutos estabelecem o objetivo de explorar as fontes, construir e manter balneários, hotéis, restaurantes, explorar cassinos, casas e parques de diversões, manter estradas e linhas de transporte, entrar no mercado imobiliário através de loteamentos para casas de veraneio. Para levar avante o empreendimento contraria uma equipe de alto gabarito representada por engenheiros, urbanistas arquitetos, médicos sanitários e outros a fim de conceber o projeto.

As obras iniciaram-se imediatamente e prosseguem com grande rapidez e intensamente aproveitaram-se da força de trabalho abundante e barata, dócil e submissa, recém-librada do campo.

Todo os setores do projeto são iniciados concomitantemente: abrem-se arruamentos, retifica-se o correio, controla-se o balneário de águas implantam-se o bosque, completamente artificial. A obra é acompanhada de grande publicidade nos jornais locais e das principais cidades do interior do Estado de São Paulo e do Rio de Janeiro. Inicia-se a venda de lotes, sendo a imagem da estância veiculada com o eden.

Em fevereiro de 1938 inaugura-se o campo de aviação juntamente com a implantação da pedra fundamental do Grande hotel. A obra desenvolveu-se com rapidez sendo o hotel inaugurado em julho de 1940. As campanhas publicitárias atraíram a clientela para a terapia termal e para o jogo de azar, um dos grandes movimentos do empreendimento.

---

<sup>1</sup> Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, (SP), Brasil.

Em 1941 constrói-se a Pensão Santo Antonio e em 1942, o hotel Avenida, visando ao atendimento de faixas socio-econômicas diferenciadas da demanda.

O empreendimento enverara-se para o setor industrial, construindo-se uma fábrica para o engarrafamento de água, de sucos e outros produtos ligados à terapia termal.

O projeto progredia com as obras de saneamento básico, canalização das águas das fontes, construção da represa Limoeiro para o abastecimento de água potável e construção de reservatório para uma população estimada em 10.000 habitantes.

Constava ainda do projeto a construção de um grande prédio para Terma-Sanatório, uma colônia de férias e um hotel super-luxuoso, de categoria internacional.

Porém o fechamento do jogo no País, em 1946 dá um golpe brutal no empreendimento. A Empresa entra em crise, há um arrefecimento das obras, concentrando-se o retorno do capital na venda dos lotes. Através de manobras políticas a estância, sem condições de sobrevivência como município autônomo, é desmembrada em São Pedro em 23.12.1948. Em 1951 o Estado desapropria as áreas das fontes o Grande Hotel, o balneário, prédio de engarrafamento de águas toda a área verde, passando a estância a ter dupla administração, a nível estadual e municipal.

A década de 50 caracteriza-se por uma evolução lenta do núcleo, porém a partir do início dos anos 60 dá-se uma retomada do seu crescimento, correlacionado ao incremento do fenômeno turístico no país e o investimento numa segunda residência componentes da chamada classe média. Ao mesmo tempo dá-se maior fixação de população local, atraída pela evolução dos setores hoteleiro e comercial. O desenvolvimento do turismo de massa no país face ao aumento dos estratos médios da população vai alimentar um fluxo crescente de turistas e excursionistas domingueiros, responsáveis pelo dinamismo da estância.

## **DA APARÊNCIA A ESSÊNCIA**

Pesquisando a história de Águas de São Pedro fui adentrado na sua problemática, ao mesmo tempo que procurava apoio teórico na bibliografia especializada. Depois de muita reflexão definiu o questionamento, centralizado nos seguintes pontos:

- A que interesses responde a criação de um espaço turístico?
- Como se organiza do ponto de vista estrutural esse espaço tendo em vista os interesses dicotômicos entre a população fixa e flutuante?

- Qué motivações foram preponderantes na escolha, por parte do turista, desse local para exercer suas atividades recreativas?
- o que se passa no íntimo dos visitantes, aqui considerando toda a sua carga emocional e cultural, ao perceber o espaço e comportar-se de modo a emprestar-lhe vitalidade?
- de que forma esse espaço é sentido pela população fixa que reside no núcleo turístico?
- Como se relacionam essas duas populações, cujos interesses parecem conflitantes?

O presente trabalho demonstrou o extraordinário poder que tem o homem, através da sua intervenção, de transformar o meio natural, de modo a torná-lo mais produtivo economicamente, servindo aos seus interesses, dentro de uma ótica especulativa.

O que surpreende não é a iniciativa da exploração das fontes, mas é o arrojo do projeto, considerando-se a época em que foi realizado – décadas de 30 e 40. Crisou-se na área através do investimento maciço de capital, um núcleo, urbano completamente artificial, que apresenta um grande contraste com os núcleos vizinhos ou mesmo com qualquer outra estância, surgida espontaneamente.

O meio natural foi modificado e aproveitado de modo a transformar-se num ambiente atrativo e acolhedor. Alguns dos seus elementos, valorizados no projeto, como o fundo do vale, cujo córrego rerificado e canalizado atravessando por pontes em abóboda foram incorporados à paisagem urbana, de modo a embelezá-la.

A criação do bosque foi uma iniciativa que reuniu vários objetivos, ao mesmo tempo. Em primeiro lugar porter sido implantado na porção do relevo mais elevada e movimentada, sendo visto à distância.

Em segundo lugar visava a proteção contra fenómeno erosivo das cabeceiras do córrego, uma vez que os terrenos arenosos que predominam na área são altamente susceptíveis ao voçoracamento, preservando-se ao mesmo tempo o manancial.

Em terceiro lugar, e esse é, a nosso ver, o objetivo mais importante, alteram-se as características climáticas do local, que originalmente, apresentavam certa agressividade pela rarefação da vegetação, elevadas temperaturas, baixa umidade do ar, procurando-se dotar a estância à população como mercadoria.

De vital importância para a criação de uma paisagem urbana atraente foi a concepção urbanística do núcleo, que além de ser adaptada às características do relevo, foi estruturada de modo a permitir a manutenção do alto padrão das residências pelo tamanho dos lotes e pelas restrições impostas pelo código de obras, desde o início da criação da estância. Assegurando a interdição de

implantação de casas comerciais e estabelecimentos industriais nas áreas residenciais mantem-se até hoje o projeto da forma como foi concebido. É fundamental que o código de obras seja respeitado e não se permitindo a construção de altos edifícios na estância, que fatalmente iriam descharacterizar a sua fisionomia como esta ocorrendo em outras estâncias brasileiras.

Na medida em que demonstramos preocupação com a manutenção da fisionomia urbana da estância, estamos propondo a conservação da artificialidade desse espaço, criado desde o início para ser um núcleo turístico. Entre a aparência e a essência. Foi aqui se emergiram os problemas mais agudos, quando se desceu a um nível de análise mais minucioso percutando os interesses da população. Difícil se torna uma posição diante dessa contradição, porque entram em jogo os interesses conflitantes entre as populações fixa e flutuante. O presente estudo evidenciou que o conflito existente entre essas duas populações não era tão marcante, como supunhamos ao iniciar o trabalho. Embora esses dois grupos não se integrem socialmente, eles não se contrapõem, excetuando-se o preconceito existente no seio da população local contra os excursionistas.

A aparência desse espaço, que corresponde a uma imagem identificada por muitos como um “paraíso” encobre a essência, nem sempre sentida pelos seus habitantes e pelos visitantes. A população fixa, parcialmente conciente dos problemas da estância, parece não sentir que ela não tem lugar nesse espaço.

O grande empreendimento não propôs equipamento nem para o nascimento dos filhos da terra. Há que se procurar as maternidades de São Pedro e Piracaiba para pari-los. Falta tudo para o atendimento à população local, que arca com um pesado ônus por recidir da estância. Os terrenos são caros e pouco disponíveis no mercado, notadamente na área central, conservando-se a elitização das áreas nobres, mais acessíveis aos interessados em usufruir da segunda residência. Os tributos são caros, como as taxas de serviços urbanos, que ultrapassam em muito os impostos predial e territorial. Os serviços são onerados por ofertas inflacionadas dos proprietários de segunda residência a a população flutuante. O comércio, essencialmente voltando para a demanda externa, serve pouco população fixa aproveitam-se da pequena concorrência no setor alimentar, para cobrar preços alusivos pelos gêneros, obrigando a população a descolar-se para as cidades vizinhas a fim de se abastecer.

A mesma deficiência é encontrada nos serviços médico e educacional. A população se queixa da insegurança, criada pelo do aumento do número de assaltos às residências secundárias, que fechadas durante boa parte do ano, constituem grande atrativo aos marginais.

Ainda dissimulados pela aparência e quase não percebidos pela população flutuante encontram-se os problemas ligados à deterioração das condições ambientais. As águas encontram-se poluídas, tanto as das fontes, como as da rede: as das fontes devido ao velho equipamento de captação e transporte e pelas más condições dos reservatórios; as de rede, deviso a deviso à desproteção dos mananciais, permitindo-se como vimos, o lançamento do esgoto “in natura” no rio onde se realiza a captação de água, além da poluição

e assessoramento da represa Limoeiro, usada como complemento do abastecimento. A má conservação do bosque é notória: muitas espécies estão morrendo por falta de insolação, não sendo recuperadas, ocorrendo ainda voçorocamento em suas áreas periféricas. Os terrenos baldios carecem de limpeza, assim como o córrego central, sujeitos ao lançamento de lixo, favorecem a proliferação de insetos.

Um dos aspectos mais importantes revelados pela pesquisa foi a forma qual as populações tanto fixa, como flutuante, percebem o lugar. Para surpresa nossa, suas maneiras de se relacionarem com o espaço, suas queixas e reclamações acabaram quase por homogeneizá-las.

A população fixa apesar de reconhecer o ônus que arca por recidir numa estância é mais caro que nhecendo que tudo na estância é mais caro que nas cidade vizinhas, sente-se presa afetivamente ao lugar, encontra-se satisfeita por ai residir, valorizando nesse espaço os mesmos elementos apontados pelos visitantes. Da mesma forma que eles suas observações são carregadas de emoção, revelando uma grande ligação efetiva com certos aspectos do ambiente como o verde o clima a puerza do ar, o sossego, a paz a tranqüilidade, todos citados pela população flutuante como significativos elementos qualitativos da estância. Refletindo sobre esses resultados permanece a dúvida se as respostas da população revelam realmente o que se passa no seu íntimo, ou, se são influenciadas por estereótipos, até que ponto isso altera a maneira dela perceber o espaço. Da mesma forma, a população flutuante diversificada, quanto à estrutura etária, classe social e motivações de viagem, acaba também se homogeneizado no forma pela qual percebe o espaço e se relaciona com ele. Todos valorizam os aspectos ambientais relacionados à natureza, apontando prioritariamente a paz e a tranqüilidade que a permacência na estância lhes transmite.

A principio, julgamos a clientela pouco exigente e com o senso crítico atrofiado, quanto à percepção do espaço e comportamento ambiental. Tratava-se do pesquisador que olhava para o turista e procurava interpretar-lo sob o seu ponto de vista, pretensante objetivo. Porém aprofundado um pouco mais na reflexão e buscando na fenomenologia a explñicação do comportamento ambiental do homem, baseado na sua experiência e na sua maneira subjetiva de aprender o meio em que vive, pudemos compreender melhor certas respostas que nos eram dadas nas entrevistas e que, a principio julgamos absurdas.

Assim, num domingo de julho, de muito sol, a estância se encontrava congestionada por um número excessivo de visitantes, muito superior à capacidade receptora do núcleo, apresentando uma intensa movimentação pela circulação de pedestres, trezinho, cavalos, charretes, bicicletas, carros, ônibus, na avenida central da cidade, a impressão que tínhamos era de complexo caos. No gramado do parque em frente ao Grande Hotel concentraram-se vários grupos, jogando, bola, evidentemente em local inadequado, perturbando o sossego das pessoas que estavam sentadas à sombra de uma árvore, numa atitude contemplativa. E, entrevistando a pessoas, quer nas ruas, ou no parque quando inquiridos sobre o que mais lhes agradava na cidade, nos respondiam maciçamente que era a “paz”, a

“tranqüilidade”. Talvez estivessem sentindo interiormente essa paz e essa tranqüilidade em meio àquele burburinho geral. Possivelmente seja essa maneira subjetiva de enxergar o suposto real que também explique a manutenção do interesse turístico por águas de São Pedro, que aos nossos olhos há muito deixou de ser um ambiente tranquilo e repousante, em se tratando de férias e fins de semana.

Num ponto, entretanto, houve convergência sobre a deficiência da estância e isso, mais uma vez, homogeneizou as opiniões das populações fixa e flutuante – trata-se do equipamento de lazer, apontando por muitos como bastante restrito. Paradoxalmente a estância turística considerada modelo no Estado de São Paulo não oferece opções de lazer ativo, nas estâncias interiores é mais agudo. Trata-se de um problema que deve ser resolvido a nível de administração pública, que pode, inclusive oferecer incentivos à iniciativa privada para a implantação de equipamento de lazer. Nesse caso é fundamental a consideração das características da demanda onde o excursionista, por ser numeroso e de baixo poder aquisitivo, deveria ser alvo de maior interesse. As iniciativas de implantação de equipamento, tanto a nível de poder público, como privado, tendem a priorizar as classes economicamente favorecidas, porque é delas que o retorno do capital é garantido. Há que se pensar em equipamento, mesmo que simples e de baixo custo de implantação e manutenção para o entretenimento da grande massa de excursionistas, que ficam vagando pela estância sem opções de lazer e por isso são discriminados, acusados de serem predadores e de causar incômodos à população. Por outro lado, como ocorre nas estâncias balneárias, há uma tendência geral em marginalizá-los, na medida em que se lhes destinam equipamentos específicos, como delimitação de certos setores da praia ou áreas restritas para o estacionamento de ônibus.

A nossa preocupação inicial no desenvolvimento da pesquisa não se vinculava a interesses em oferecer subsídios ao planejamento urbano que visasse a reorganização mais reacional desse espaço atendendo aos interesses tanto da população fixa como flutuante. Porém concluído o trabalho, é evidente que, tendo em vista os problemas levantados através de exaustiva pesquisa de campo, os resultados sugerem diretrizes para a intervenção.

Aqui se coloca, a nosso ver, o problema crucial da estância, que reside no conflito entre a atuação pública estadual e municipal, a acaba desembocando na inércia na inoperância. Os problemas são por demais conhecidos das autoridades, mas as atitudes perante eles são paliativas. Na tentativa das soluções emergem os condicionamentos políticos, ideológicos e econômicos que acabam por entrever o processo de intervenção.

Entre o sonho da implantação da estância modelo da América do Sul e a realidade de hoje meio século transcorreu. Atualmente, sondando a população, as opiniões se dividem entre aqueles que deitam que a estância não creça para não se descaracterizar e os que se confessam adeptos do progresso e clamam por uma maior dinamização do núcleo. Existe ainda uma população considerável que reside na periferia do município, em território de São Pedro, que está se movimentando para que o colar de loteamentos periféricos que

circundam a estância seja incorporado ao município de Aguas de São Pedro. Essa iniciativa entretanto, não favorece a instalação entretanto, não favorece a instalação de população fixa, pois os loteamentos são de chcaras de veraneio, geralmente de alto padrão inacessíveis à população local. Persistiindo a otica atual do mercado imobiliario, a fixição da população residente vai continuar lenta. Dessa forma o nucleo permanecera subordinado a São Pedro, provedira de significaco razoavel do mercado de trabalho da estância e ofertante de comercio e serviços á população fixa de aguas de São Pedro. A interdependencia entreos dois nucleos é signicavita e qualquer estudo de planejamento urbano deve considera-los mun contexto amplo.

## **BIBLIOGRAFIA**

RODRIGUES, Adyr B. – Aguas de São Pedro – Estancia Paulista. Uma contribuição á geografia da recreação. Tese de docutorado, F.F.L.C.H. da universidade de São Paulo 1985, 286 p. (Mimeografada).